

## Milhares de Trabalhadores realizam manifestação contra Bolsonaro em São Paulo



Na última segunda-feira, 03, a CUT, centrais sindicais e movimentos sociais, reuniram milhares de pessoas na Avenida Paulista, em São Paulo, para protestar contra a política econômica do governo que destrói a indústria brasileira, a educação, gera desemprego e entrega o patrimônio nacional ao capital estrangeiro.

A atividade foi realizada devido à presença do presidente Bolsonaro na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), onde participou de um almoço à convite do presidente da entidade, Paulo Skaf.

O evento teve início pela manhã, e nem mesmo o tempo ruim com chuva forte, foi capaz de afastar os trabalhadores, estudantes e militantes de movimentos.

Durante o evento foram denunciados o sucateamento, além da apresentação de um documento com propostas para a retomada da atividade industrial no Brasil, prejudicada pelas políticas econômicas da dupla Bolsonaro e Paulo Guedes, ministro da

Economia, que têm resultado no fechamento de empresas, entre elas a Ford, que recentemente encerrou as atividades em São Bernardo do Campo, no ABC paulista.

Apresentado à imprensa durante o ato, o documento “Ações para uma indústria capaz de alicerçar o desenvolvimento brasileiro”, denuncia o enfraquecimento do setor e a falta de investimentos em tecnologia e formação profissional para alavancar a produção, gerar mais empregos e contribuir com a retomada do crescimento econômico.

Sérgio Nobre, presidente nacional da CUT, alertou para o cenário econômico atual em que a indústria não é prioridade para Bolsonaro. “Esse ato é um repúdio à presença de Bolsonaro em São Paulo, um estado que sofre muito com a desindustrialização. Todo santo dia tem empresa fechando. Não tem governo mais entreguista e anti-indústria que esse”.

Ainda como mobilização contra a desgoverno Bolsonaro, serão realizadas em todo o Brasil,

panfletagens no dia 14 de fevereiro, em frente Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) em todo o Brasil, para alertar e denunciar o caos vivido pelo INSS, provocado pelo Governo Federal.

Outras datas anunciadas por Sérgio são: 1º de Maio unificado, com atos conjuntos das centrais em todo o país; 8 de Março – Dia Internacional da Mulher; e 18 de março, data em que as centrais voltam às ruas em defesa do emprego, da educação, por democracia e direitos. Estudantes também anunciaram que vão reforçar as manifestações deste dia.

Com informações repassadas pela CUT.



### Baile dos INDIGNADOS

O Sindsep/MA através da Secretaria de Cultura, Esporte e Lazer, realizará no dia 16 de fevereiro, o Baile dos Indignados, comemorando os 30 anos da entidade.

O evento vai acontecer na Aserma, das 13 às 18h, com a animação da Banda os Trapaceiros.



## Quatro estatais em greve e a mobilização aumenta

Quatro empresas públicas inseridas no programa de desestatização do governo estão com os serviços paralisados em protesto à possível entrega do patrimônio público à iniciativa privada. Desde o início de janeiro, trabalhadores da Casa da Moeda enfrentam a diretoria contra descontos salariais e cortes de direitos adquiridos que podem resultar em contracheques zerados. No último dia do mês passado, servidores do Dataprev deflagraram greve e, no último fim de semana, foi a vez dos petroleiros aderirem às paralisações por tempo indeterminado, contra a demissão de mil funcionários de uma refinaria do Paraná. Além dessas empresas, os Correios indicaram greve para o próximo

dia 12, em resposta ao reajuste abusivo no plano de saúde e à ameaça de privatização.

O Secretário-geral da Condsef/Fenadsef, Sérgio Ronaldo da Silva, manifesta-se em apoio aos atos e avalia ações como exemplos a serem seguidos pelos demais servidores públicos, desvalorizados nesta gestão e acusados pelo ministro da Economia Paulo Guedes de serem culpados pela crise que o Brasil enfrenta. "Nossos sindicatos devem se inspirar na mobilização desses trabalhadores para reforçar nas bases a necessidade de união e coragem neste momento. É preciso conscientizar a sociedade sobre o momento crítico em que vivemos", comenta Silva.

A verdadeira crise, para o

dirigente sindical, é a ameaça de entrega do patrimônio público à iniciativa privada, controlada pelo mercado financeiro. 17 empresas estatais brasileiras estão sob ameaça de privatização e a meta do governo é retirar dos cofres públicos mais de R\$ 80 bilhões para entregar ao setor privado. Empregados públicos veem ação como retrocesso, tendo-se em vista que as empresas públicas cumprem função que o setor privado não tem interesse. Além das estatais mencionadas, o governo também pretende privatizar Emgea, ABGF, Serpro, Ceagesp, Ceasaminas, CBTU, Trensurb, Codesa, EBC, Ceitec, Telebras, Eletrobras, Lotex e Codesp.

Fonte: Condsef